

A GRAVURA POPULAR BRASILEIRA

As razões que determinaram a aparição e o desenvolvimento, no Nordeste do Brasil, de uma gravura, expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos, estão ainda por ser esclarecidas. Seria interessante aproximar esse fato curioso do gosto natural que têm as populações humildes pelas estampas.

Admitindo que o nordestino é, em geral, inteligente e dotado de grande vivacidade, admitindo que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geofísicos que determinam uma agricultura e pecuária mais pitorescas que rendáveis, admitindo que esse ritmo de vida deu ao homem tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, tudo não basta para explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda pura em pleno século XX, no Nordeste do Brasil.

Seria simplista considerar a gravura popular brasileira fruto de geração espontânea. O melhor seria ligá-la às influências que recebeu a região durante a colonização, e tirar daí as conclusões. O Nordeste brasileiro sofreu cinco tipos de influências: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia; e as três primeiras foram as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura, que, a princípio poderia ter sido utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "imagens volantes", santos, orações e escapulários, estes guardando, até hoje, caráter xilográfico. Não nos parece é que ela tenha sido utilizada na impressão de cartas de baralho nem na estamperia de tecidos. A exceção de certos casos isolados, onde a gravura foi usada na rotulagem de garrafas de cachaça, pode-se afirmar que ela chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, até que se prove o contrário, melhor será considerar a gravura popular brasileira contemporânea da aparição da imprensa na região, e consequência direta mesmo dessa literatura popular.

Na ausência de pinturas, esculturas e vitrais, que influenciaram os gravadores europeus, o artista brasileiro partiu de estampas impressas das mais diversas origens, e lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. A estampa, pois, influenciando a gravara. É óbvia a origem da ilustração do livro "Carlos Magno e os 12 pares de França", ou ainda a de leões de estilo tão puramente heráldico. Certas gravaras religiosas, sobretudo os dois Calvários (61 e 62), ambos com um pronunciado sabor de gravura primitiva européia, não escondem suas origens. Mas há também a de invenção, que constitui, felizmente, a maior parte dessas três mil gravuras que ainda circulam no Nordeste do Brasil. Os monstros e demônios, os clássicos cantadores de viola, e mesmo esse "Ladrão de Bagdá" (17), onde o gravador Damásio Paulo, à falta de uma documentação mais precisa, não hesitou em dar aos príncipes orientais paramentos de toureiros. Temas como o Cangaço deram ao artista popular grandes oportunidades, tanto pela popularidade do assunto como pela riqueza plástica da indumentária dos personagens, permitindo aos gravadores astuciosas soluções gráficas. Inúmeras e belas são as imagens re

presentando Lampião e outros bandidos célebres do sertão. Veja-se a gravura de João Pereira da Silva (52), ilustrando um livro sôbre as façanhas do famoso cangaceiro.

Embora a gravura popular brasileira desde muito venha preocupando os estudiosos, sômente agora o Museu de Arte da Universidade do Ceará iniciou a sua catalogação, separando-a por zonas, e tendendo estabelecer datas, autores e editôres. Trabalho lento, certamente, mas escrupulosamente feito, o que nos habilita a contar, dentro em pouco, com a existência de um estudo histórico-crítico dessa gravura popular, talvez a única viva no mundo.

Instituto de arte contemporânea